

Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas

Ana Paula Fontenelle Gorini

PANORAMA DO SETOR TÊXTIL NO BRASIL E NO MUNDO: REESTRUTURAÇÃO E PERSPECTIVAS*

Ana Paula Fontenelle Gorini**

** Este texto foi elaborado para subsidiar o Fórum de Competitividade do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. As opiniões emitidas são, no entanto, de caráter pessoal.*

*** Gerente Setorial de Bens de Consumo Não-Duráveis do BNDES. A autora agradece a colaboração de Arthur Adolfo Garbayo e da estagiária de economia Helga Lucas Canelas.*

SETOR TÊXTIL

Resumo

A cadeia têxtil-confecção nacional, que respondeu por 14% dos empregos gerados na indústria brasileira em 1999, vem apresentando elevados investimentos em modernização e expansão da capacidade produtiva durante toda a década.

O mercado têxtil nacional tem grande potencial de crescimento, especialmente em virtude da demanda reprimida. O consumo per capita de têxteis no Brasil cresceu de 8,3 kg/habitante em 1990 para 9,5 kg/habitante em 1999 – crescimento acumulado superior ao da população –, embora ainda seja considerado um nível baixo em relação ao consumo médio dos maiores mercados mundiais.

O presente artigo avalia alguns aspectos da competitividade internacional desse setor, com foco na formação de blocos de comércio e cadeias globais de fornecimento, e traça o panorama recente da cadeia têxtil-confecção nacional, procurando identificar os avanços, os gargalos remanescentes e as perspectivas, vis-à-vis as transformações internacionais.

Este artigo procura situar o setor têxtil nacional no contexto internacional, destacando distintos aspectos relacionados à competitividade das empresas e nações, como capacidade produtiva, produtividade, qualidade, inovação, comercialização, logística, entre outros. Busca ainda avaliar as novas formas de comercialização internacional e de gerenciamento da produção, em especial a formação de redes internacionais de empresas e blocos de comércio, e seus impactos sobre as exportações brasileiras de têxteis e confeccionados, que apresentaram um fraco desempenho na década de 90.

Após esta introdução, o artigo aborda o panorama internacional, incluindo os principais mercados de têxteis e confeccionados, a evolução do comércio internacional, da produção, capacidade instalada e tecnologia.

Em relação ao panorama nacional, destaca as transformações ocorridas na década de 90, os grandes investimentos em modernização tecnológica e expansão da capacidade, a evolução do comércio internacional, a desconcentração regional da produção, entre outros aspectos, e faz uma breve síntese dos avanços e gargalos remanescentes. Procura ainda traçar, em conclusão, algumas perspectivas e metas a serem alcançadas nos próximos anos.

A cadeia produtiva têxtil – reunindo fiação, tecelagem, malharia, acabamento/beneficiamento e confecção – vem passando por muitas transformações recentes, destacando-se especialmente aquelas relacionadas não apenas com as mudanças tecnológicas que permitiram expressivos incrementos de produtividade, mas também com a crescente importância do comércio intrabloco, cabendo destacar: a) o Nafta; b) a União Européia e as regiões do Norte da África e Sul da Ásia, como Índia e Paquistão; c) o Sudeste da Ásia e o Extremo Oriente; e d) o Mercosul e a América Latina.

O poder competitivo de alguns países periféricos (como Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Indonésia, Tailândia, Índia e Paquistão) forçou norte-americanos e europeus – tradicionais produtores têxteis – a algumas mudanças fundamentais. Essas mudanças apontaram para um novo padrão de concorrência, baseado não apenas em preços, mas também em qualidade, flexibilidade e dife-

Introdução

Panorama Internacional

renciação de produtos, além da própria organização do comércio intrablocos, procurando reunir os avanços tecnológicos alcançados na indústria têxtil à mão-de-obra barata de alguns países periféricos, que passaram a atuar crescentemente na confecção – segmento que, apesar de todos os avanços tecnológicos, ainda permanece intensivo em mão-de-obra.

Cabe destacar a forma de atuação de alguns blocos de comércio. Dentro do Nafta, por exemplo, os Estados Unidos exportam tecidos pré-cortados e outras matérias-primas para o México, que fica responsável pela confecção e re-exportação para o mercado norte-americano, em condições de acesso privilegiadas. Não obstante, as matérias-primas utilizadas devem ser obrigatoriamente provenientes do Nafta. Nesses mesmos moldes, os países do Caribe, sob o “Caribbean Basin Economic Recovery Act” (CBERA), também têm vantagens de acesso ao mercado norte-americano, com a presença de grandes confecções, bastante modernas, especializadas em fornecer para o mercado norte-americano.¹ As ZPEs caribenhas desenvolveram nichos de exportação altamente especializados, tais como roupas íntimas, cabendo destacar que República Dominicana, Costa Rica, Honduras e El Salvador fornecem mais de 40% de todas as importações norte-americanas desse segmento. Assim como o Nafta, o CBERA e o mercado dos Estados Unidos, os países da Europa Central e Oriental, incluindo a Turquia, são outro exemplo de acesso privilegiado ao mercado europeu, através do chamado “Outward Processing Trade” (OPT), que consiste na exportação de tecidos para os países vizinhos, de mão-de-obra barata, para serem confeccionados e re-exportados para a União Européia, com tarifas (quando aplicáveis) somente sobre o valor adicionado. Em 1997, as importações via OPT representaram 17% do valor total das importações de confeccionados da União Européia, sendo que, desse total, 58% corresponderam à Alemanha, seguida pela Itália, com 11%. Do total das exportações de confeccionados da União Européia, cerca de 68%, ou US\$ 35 bilhões, foram exportações intra-União Européia.

¹Esse sistema, conhecido como production-sharing, representou, em 1997, 84% das importações norte-americanas de confeccionados dos países pertencentes ao CBERA e 79% do México [ver US International Trade Commission (1999)].

²Em termos de participação no mercado, os produtos “básicos”, que são vendidos durante o ano todo, representam cerca de 20% das vendas de roupas norte-americanas. Os produtos de “estação”, com uma permanência de 20 semanas nas lojas, formam 45% do mercado e os produtos da “moda”, com uma permanência de 10 semanas, representam os 35% restantes. Desse modo, aproximadamente quatro quintos do setor, quer medido pelo nível de emprego, quer pelas vendas, são sensíveis à moda, e um quinto concentra-se nas roupas básicas [ver Gereffi (1998)].

As indústrias têxteis norte-americana e européia passaram a investir pesadamente em novas tecnologias de concepção, processo, vendas e produto, tornando-se cada vez mais capital-intensivas. Desistindo de concorrer nas faixas dominadas pelos artigos de pequeno valor agregado provenientes da Ásia, elas procuraram se especializar em nichos mais lucrativos e de qualidade diferenciada, abertos pelas novas fibras químicas e pelos novos processos produtivos. Buscando maximizar a sua proximidade com os maiores mercados consumidores, elas apostaram em técnicas voltadas para a diminuição do tempo de concepção, produção e comercialização dos artigos têxteis, de modo a permitir que a produção fosse “puxada” pelas demandas voláteis da moda que passaram a predominar no setor.²

Além dos investimentos em novas tecnologias, a integração de empresas voltadas para fases distintas do processo têxtil apareceu como um fato relevante para a concretização de um novo padrão de concorrência. A histórica fragmentação do setor foi atenuada pela formação de redes compostas por ateliês de *design*, fornecedores de fibras e outras matérias-primas, tecelagens, confecções e grandes cadeias varejistas, em que a logística de toda a cadeia foi otimizada via informatização: *electronic data interchange* (EDI) e *efficient consumer response* (ECR). De modo geral, isso garantiu uma flexibilidade até então inédita às companhias norte-americanas e européias, relativizando o avanço das empresas asiáticas sobre os mercados do primeiro mundo.

Recente estudo de Gereffi (1998) destaca: “o que está surgindo claramente como forma econômica predominante no complexo têxtil e de vestuário dos Estados Unidos e do México são redes de empresas que interligam diferentes tipos de firmas em agrupamentos ou nós industriais e atravessam as fronteiras do país e do setor. Em vez da *performance* de empresas individuais, essas redes da América do Norte é que serão a chave para a futura competitividade do México e dos Estados Unidos no setor de vestuário como um todo”. O autor utiliza a noção de agentes organizadores, em referência àquelas empresas, estrangeiras e nacionais, que poderiam intensificar a competitividade da cadeia produtiva do vestuário por meio de encadeamentos para trás e para frente com os principais produtores e varejistas. Os agentes organizadores potenciais de todos os segmentos da cadeia, segundo o autor, já começaram a realizar esses investimentos no México: fibras (Celanese Mexicana, Cydsa, Du Pont); têxteis (Burlington Industries, Guilford Mills, Cone Mills, Grupo Saba); vestuário (Sara Lee, VF Corporation, Levi Strauss); e varejistas (J.C. Penney, Kmart, Wal Mart). O autor enfatiza que há diferenças significativas no escopo e no conteúdo dessas várias tentativas de integração vertical e horizontal na economia mexicana, mas um ponto em comum é que o papel das políticas do Estado é reduzido drasticamente quando os encadeamentos entre as empresas são usados para aumentar a competitividade internacional, especialmente quando esses encadeamentos cruzam as fronteiras nacionais, como é a tendência no setor têxtil e de vestuário.

Vale notar, não obstante, que o papel dos Estados nacionais também foi fundamental para essa transformação da indústria têxtil no capitalismo central. Por um lado, políticas comerciais protecionistas foram aplicadas com rigor pelos países da OECD. Um acordo internacional assinado pelos mesmos, ainda nos anos 60, prevendo a utilização de cotas e sobretaxas de importação, foi constantemente ampliado e renovado até os anos 80, quando a crescente incorporação dos produtos têxteis às normas do Gatt (posteriormente OMC) e a criação de zonas continentais de livre comércio o colocaram em xeque.³ Paralelamente a acordos comerciais desse tipo, os países da OECD elaboraram inúmeras políticas de apoio à

³Até hoje, os Estados Unidos, a União Européia e o Canadá só liberalizaram cerca de 33% de seus mercados. Nos Estados Unidos, somente 13 de 750 cotas foram derrubadas e apenas 6% das importações norte-americanas ficaram livres de restrições. Para confeccionados, o percentual é ainda menor. A União Européia só acabou com 14 de 219 cotas, liberalizando menos de 5% de seu mercado têxtil [Gazeta Mercantil (jul. 2000)].

reestruturação industrial. Programas para o desenvolvimento de novas tecnologias foram colocados à disposição de setores que sempre sustentaram o avanço da indústria têxtil, como o químico (fibras e tecidos artificiais e sintéticos), o de bens de capital e o eletroeletrônico (máquinas e equipamentos automatizados) [ver Campos (1998)].

Juntamente com essas redes transnacionais centradas nos fabricantes, a cadeia do vestuário também está sendo transformada pelas redes centradas nos varejistas. Cadeias varejistas de descontos, como a Wal Mart, e lojas de departamentos, como a J. C. Penney, expandiram-se rapidamente no México nos últimos anos (o estudo de Gereffi foca o caso do México, mas esse modelo pode ser generalizado), desempenhando um duplo papel: constituem uma via para a colocação de bens de consumo importados e também têm a capacidade de comprar mercadorias fabricadas no México e entregá-las aos mercados externos em que essas cadeias varejistas têm lojas, especialmente nos Estados Unidos. Tanto na Europa como nos Estados Unidos é crescente a participação das *chain stores* (cadeia de lojas com marca própria, como, por exemplo, a espanhola Zara e a norte-americana GAP) e dos hipermercados na comercialização dos confeccionados, enquanto se presencia a estagnação das pequenas lojas multimarcas (butiques) e das lojas de departamento.⁴

Nessa cadeia dirigida pelos compradores (*buyer driven*), as empresas locais mexicanas vêm desenvolvendo os devidos laços comerciais com compradores estrangeiros para mudar do sistema de *maquilladoras* com baixos salários baseados nos insumos importados para o de “fornecedoras de pacotes completos”, atividade terceirizada específica, típica dos exportadores de artigos de vestuário do Leste Asiático. Nesses moldes, Hong Kong transformou-se num grande centro mundial do vestuário, com empresas que, além de fornecerem o produto confeccionado (em geral, fccionado na China continental), também prestam serviços, como desenvolvimento de produto, *sourcing* de matérias-primas, controle de qualidade e toda a logística associada.

⁴Nos Estados Unidos as vendas de confeccionados via grandes varejistas representam 46% do total, o que contrasta com a parcela de apenas 4% no Brasil. Fonte: Santander Central Hispano, 2000, Brasil-Têxtil.

Principais Mercados e Comércio Internacional

Todos os fatores mencionados acima permitiram que hoje os maiores exportadores mundiais da cadeia têxtil-confeção – cujo volume de exportações ultrapassou US\$ 300 bilhões em 1997⁵ – continuassem praticamente os mesmos da década passada, cabendo destacar a permanência no *ranking* de 1997 de todos os maiores exportadores têxteis da década de 80, com exceção da Holanda e da Suíça (Tabela 1). Desse grupo, cabe destacar a excelente *performance* de países como China, Coreia do Sul e Taiwan, que aumentaram significativamente suas participações nas exportações mundiais, e ainda países que conseguiram se juntar a esse grupo, como Turquia e Paquistão. Em relação às exportações de confeccionados (Tabela 2), destaca-se a permanência de países como Itália, Estados

⁵O comércio têxtil movimentou US\$ 151 bilhões e o de vestuário US\$ 180 bilhões em 1998, segundo as mais recentes estatísticas divulgadas pela OMC [Gazeta Mercantil (jul. 2000)].

Tabela 1

Exportações Têxteis – 1980 e 1997

1980			1997		
Pais	US\$ Milhões	%	Pais	US\$ Milhões	%
Alemanha	6.296	11,4	Hong Kong	14.602	9,4
Japão	5.117	9,3	China	13.828	8,9
Itália	4.158	7,6	Coréia do Sul	13.346	8,6
Estados Unidos	3.757	6,8	Alemanha	13.053	8,4
Bélgica	3.550	6,5	Itália	12.901	8,3
França	3.432	6,2	Taiwan	12.731	8,2
Reino Unido	3.108	5,7	Estados Unidos	9.193	5,9
China	2.540	4,6	França	7.214	4,6
Holanda	2.259	4,1	Bélgica	7.010	4,5
Coréia do Sul	2.209	4,0	Japão	6.750	4,3
Taiwan	1.775	3,2	Reino Unido	5.618	3,6
Hong Kong	1.771	3,2	Índia	4.936	3,2
Suíça	1.521	2,8	Paquistão	4.594	3,0
Índia	1.145	2,1	Turquia	3.352	2,2
Subtotal	42.638	77,5		129.128	83,2
Mundo	54.990	100,0		155.280	100,0
Brasil	654	1,2		1.022	0,7

Fontes: WTO e Werner International.

Tabela 2

Exportações de Confeccionados – 1980 e 1997

1980			1997		
Pais	US\$ Milhões	%	Pais	US\$ Milhões	%
Hong Kong	4.664	11,5	China	31.803	18,0
Itália	4.584	11,3	Itália	14.851	8,4
Coréia do Sul	2.949	7,3	Hong Kong	9.329	5,3
Alemanha	2.882	7,1	Estados Unidos	8.672	4,9
Taiwan	2.430	6,0	Alemanha	7.289	4,1
França	2.294	5,7	Turquia	6.697	3,8
Reino Unido	1.878	4,6	França	5.345	3,0
China	1.625	4,0	Reino Unido	5.281	3,0
Estados Unidos	1.290	3,2	Índia	4.910	2,8
Bélgica	999	2,5	Coréia do Sul	4.192	2,4
Holanda	875	2,2	Tailândia	3.770	2,1
Finlândia	729	1,8	Indonésia	2.904	1,6
Subtotal	27.199	67,0		105.043	59,5
Mundo	40.590	100,0		176.610	100,0
Brasil	138	0,3		248	0,1

Fontes: WTO e Werner International.

Unidos e Alemanha, que têm alto custo relativo da mão-de-obra, entre os primeiros do *ranking* em 1997, assim como a excelente *performance* de países como Turquia e México, que se juntaram ao grupo dos maiores exportadores mundiais de confeccionados.

Vale ressaltar que a participação do Brasil no comércio mundial de têxteis hoje é inferior a 1%, sendo a parcela mais relevante das exportações nacionais relacionada ao segmento têxtil, enquanto o confeccionado – segmento que mais cresce em termos do valor mundial exportado – ainda representa parcela relativamente pequena das exportações nacionais (Gráfico 5).

Entre os maiores importadores, cabe destacar a União Européia e os Estados Unidos, que juntos representaram parcela de 44% do total das importações têxteis mundiais em 1997 e 72% das importações mundiais de confeccionados em 1996 (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3

Maiores Importadores do Setor Têxtil, Ordenados pela Média do Período 1995/97 – 1990/97

(Em US\$ Milhões)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
União Européia	27.696	29.631	31.485	27.639	30.443	31.926	31.564	38.663
Estados Unidos	16.212	16.255	19.351	20.064	22.465	24.936	26.773	31.889
Hong Kong	n.d.	7.553	n.d.	17.173	20.285	22.480	23.197	23.661
China	n.d.	n.d.	9.901	8.977	12.012	14.468	15.829	16.341
Japão	n.d.	10.202	10.292	9.971	12.666	14.865	15.029	13.816
Coreia do Sul	3.408	2.991	3.835	3.694	4.660	5.602	5.473	n.d.
Canadá	3.314	3.370	3.012	3.561	3.800	4.355	4.439	5.203
Suíça	n.d.	n.d.	3.589	2.919	3.087	3.372	3.192	2.889
México	n.d.	n.d.	1.279	2.870	3.017	2.735	3.533	n.d.
Taiwan	1.787	2.463	2.563	2.434	2.831	3.015	3.093	n.d.
Turquia	1.069	892	1.215	1.582	1.591	2.594	2.699	3.485
Cingapura	n.d.	n.d.	n.d.	2.693	2.839	2.990	2.785	2.829
Polónia	n.d.	n.d.	596	n.d.	4.065	2.633	2.862	n.d.
Indonésia	1.406	1.691	2.009	1.893	2.075	2.521	2.546	2.204
Austrália	1.852	1.908	n.d.	1.924	2.227	2.296	2.396	2.430
Brasil	466	568	552	1.209	1.313	2.025	2.212	2.325
Tailândia	n.d.	n.d.	1.956	1.814	1.970	2.288	2.208	1.877
Malásia	n.d.	n.d.	1.500	1.384	1.659	1.882	1.802	n.d.
Bangladesh	607	615	758	800	643	1.674	1.692	n.d.
Tunísia	n.d.	885	1.164	1.137	1.261	1.553	1.557	1.486
Filipinas	n.d.	1.123	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	1.498	n.d.
Arábia Saudita	n.d.	1.759	1.849	1.551	1.176	1.407	1.328	n.d.
Rússia	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	1.210	1.358
Hungria	n.d.	973	n.d.	n.d.	969	1.111	1.170	1.275
Noruega	1.110	n.d.	n.d.	966	1.015	1.124	1.176	1.191
Demais Países	1.113	2.525	4.120	5.378	8.704	11.476	11.397	7.728
Total Mundial	60.040	85.404	101.023	121.634	146.771	165.326	172.659	160.650

Fonte: *Trains/Unctad. Elaboração: Funcex.*

Obs.: n.d. = valor não-disponível. O total anual tende a ser subestimado devido aos valores não-disponíveis.

Tabela 4

Maiores Importadores de Confeccionados, por Países e Grupo de Países – 1992/96

PAÍS/GRUPO	US\$ MILHÕES					PERCENTUAL	
	1992	1993	1994	1995	1996	1992	1996
Estados Unidos	32.951	35.605	38.643	41.367	43.317	25,1	26,9
Canadá	2.433	2.510	2.518	2.689	2.544	1,9	1,6
Japão	11.191	12.588	15.265	18.758	19.672	8,5	12,2
União Européia (15)	69.599	60.496	63.489	70.005	73.219	53,1	45,5
Importações Intra-União Européia	27.790	23.851	24.784	28.503	29.537	21,2	18,4
Importações Extra-União Européia ^a	41.809	36.645	38.705	41.502	43.682	31,9	27,2
Austrália	885	987	1.134	1.262	1.411	0,7	0,9
Noruega	1.375	1.198	1.292	1.419	1.381	1,0	0,9
Suíça	3.563	3.326	3.469	3.821	3.731	2,7	2,3
China	439	552	622	969	1.044	0,3	0,6
Coréia	270	360	694	1.073	1.507	0,2	0,9
Outros	8.469	8.948	9.901	12.042	13.015	6,5	8,1
Total^b	131.175	126.570	137.027	153.405	160.841	100,0	100,0

Fonte: *US International Trade Commission (1999)*.

^a Resultado da subtração das importações de confeccionados intra-União Européia, publicado pela WTO, do total das importações de confeccionados da União Européia, publicado pelas Nações Unidas.

^b Excluídos reexportados de Hong Kong.

Os principais fornecedores da União Européia são Turquia e China, além do próprio comércio intra-europeu (ver Anexo, Tabela A.1). As exportações têxteis (inclusive confeccionados) da Turquia alcançaram US\$ 11 bilhões em 1998, cabendo destacar que cerca de 60% tiveram como destino a União Européia e países do leste da Europa. A participação dos confeccionados no total das exportações da Turquia foi crescente e alcançou US\$ 7,5 bilhões em 1998.

Já os principais fornecedores do mercado norte-americano são China e México. As exportações têxteis (inclusive confeccionados) da China em 1997 chegaram a US\$ 10,6 bilhões (sendo parcela de 70% representada pelos confeccionados), enquanto as do México, crescentes a partir do Nafta, alcançaram US\$ 8,7 bilhões (parcela de 60% de confeccionados) no mesmo ano. O déficit dos Estados Unidos em têxteis (inclusive confeccionados) alcançou cerca de US\$ 60 bilhões em 1997.

As exportações têxteis (inclusive confeccionados) do México foram crescentes, destinadas em sua maior parte ao mercado norte-americano: alcançaram US\$ 8 bilhões em 1997, significando um crescimento médio anual de 35% em relação a 1995. Apesar de as importações também terem sido crescentes, alcançando US\$ 6,5 bilhões em 1997 (crescimento médio de 29% ao ano em relação a 1995), o setor têxtil (inclusive confecções) mexicano gerou um superávit comercial total de US\$ 1,5 bilhão em 1997 (BancoMext – Informação por Sectores). Somente com os Estados Unidos, o México gerou superávit em confeccionados de US\$ 3,1 bilhão em 1997 (Tabela A.3, Anexo).

Produção, Capacidade Instalada e Tecnologia

O Brasil encontra-se entre os 10 maiores produtores mundiais de fios/filamentos, tecidos e malhas, especialmente de algodão. Nesse último segmento – malhas com predominância de algodão – o país é o terceiro maior produtor mundial, somente atrás dos Estados Unidos e da Índia (Tabela 5).

Com relação ao consumo de matérias-primas pela indústria têxtil, mesmo considerando que as estatísticas variam muito entre as fontes (Anexo, Tabela A.4), o Brasil é destacadamente um grande produtor e consumidor de algodão, sendo que, da produção mundial de 19 milhões de t de algodão em 1999/2000, os maiores produtores, em ordem decrescente, foram China, Estados Unidos, Índia, Paquistão, Uzbequistão, Turquia, Austrália e Brasil. Entre os maiores consumidores, destacaram-se China, Índia, Estados Unidos, Paquistão, Turquia, Brasil e México, sendo que apenas China, Índia e Estados Unidos representaram quase metade do consumo mundial de algodão. Os maiores exportadores são Estados Unidos (1.350 mil t), Uzbequistão (893 mil t) e Austrália (610 mil t) e entre os maiores importadores estão Indonésia (544 mil t) e Brasil e México, cada um tendo importado 457 mil t em 1999.

O Brasil perde posições em relação ao total mundial quando consideramos o consumo, a produção e a capacidade instalada das fibras manufaturadas (artificiais e sintéticas), mercado ainda pouco desenvolvido no país. Nesse segmento, os maiores produtores são Estados Unidos, China, Taiwan, Europa Ocidental e Coréia do Sul, que juntos detêm cerca de 60% da capacidade instalada mundial. Em contraste, o Brasil representa apenas 1% da capacidade mundial nesse segmento (Tabela 6).

Tabela 5
Maiores Produtores Têxteis – 1997
(Em Mil t)

PAÍS	FIOS/FILAMENTOS	TECIDOS	MALHAS
Estados Unidos	6.319	3.733	922
China	4.926	5.630	n.d.
Índia	3.837	2.528	550
Taiwan	3.595	1.070	241
Coréia do Sul ^a	2.064	1.813	n.d.
Paquistão	1.562	1.017	n.d.
Japão	1.315	854	151
Brasil	1.261	837	430
Turquia	866	420	n.d.
Alemanha	649	324	59
Outros	1.926	1.146	256
Total	28.320	19.372	2.609

Fonte: ITMF – países membros. Elaboração: Iemi.

^a Estimativas extra-oficiais.

Tabela 6

Produção Mundial de Fibras Manufaturadas

(Em Mil t)

	PRODUÇÃO 1997 (A)	%	CAPACIDADE 1999 (B)	%	PROPORÇÃO (B)/(A)
Estados Unidos	3.411	15,6	4.343	14,7	127
China	3.108	14,2	4.272	14,5	137
Taiwan	2.939	13,4	4.105	13,9	140
Europa Ocidental	2.426	11,1	2.818	9,6	116
Coréia do Sul	2.407	11,0	2.955	10,0	123
Japão	1.437	6,6	1.789	6,1	124
Índia	1.270	5,8	1.875	6,4	148
Indonésia	881	4,0	1.343	4,6	152
México	585	2,7	747	2,5	128
Turquia	509	2,3	695	2,4	137
Subtotal	18.973	86,7	24.942	84,6	131
Mundo	21.879	100,0	29.486	100,0	135
Brasil	247	1,1	321	1,1	130

Fonte: Organon Werner.

No que se refere à tecnologia, estudo da Werner International [cf. Verret (1998)] compara alguns indicadores internacionais, como idade média dos filatórios e participação de teares sem lançadeiras, mais avançados tecnologicamente, no total de teares utilizados.

Do total mundial de filatórios a anel, cerca de 20% apresentavam idade média inferior a 10 anos em 1998. O Brasil, com 16,1%, e o México, com 17,5%, estavam pouco abaixo dessa média. Já na tecnologia *open-end* o México apresentou 100% dos filatórios com idade inferior a 10 anos, muito em função dos recentes investimentos realizados no país, enquanto o Brasil situava-se na média mundial, com índice em torno de 47%.

Tabela 7

Fiação Mundial – 1998

(Em %)

PAÍS	MÁQUINAS INSTALADAS COM MENOS DE 10 ANOS	
	Anel	Open-End
Estados Unidos	21,4	73,1
Índia	32,4	68,4
Tailândia	28,6	62,0
México	17,5	100,0
Brasil	16,1	46,6
China	2,2	15,6
Mundo	20,7	46,9

Fontes: ITMF e Werner International.

Tabela 8
Tecelagem Mundial – 1998

(Em %)

PAÍS	TEARES SEM LANÇADEIRAS	TEARES SEM LANÇADEIRAS COM MENOS DE 10 ANOS
Estados Unidos	89	46
México	31	43
Brasil	27	33
Tailândia	19	100
Mundo	30	75

Fontes: ITMF e Werner International.

A idade média dos filatórios instalados no Brasil caiu continuamente ao longo da década de 90. Segundo estatísticas do lemi, a idade média dos filatórios a anel caiu de 10,82 anos em 1995 para 9,32 anos em 1999, enquanto a dos filatórios a rotor declinou de 3,46 anos para 3,09 anos no mesmo período.

Com relação aos teares, Verret (1998) estima que cerca de 30% dos teares instalados no mundo eram do tipo mais moderno, sem lançadeira. Os Estados Unidos estavam bem acima dessa média, enquanto México e Brasil se situavam bem próximos à média, com 31% e 27%, respectivamente, e China e Tailândia bem abaixo, com 7% e 19%. Caberia destacar os baixos índices da China em todos os indicadores tecnológicos aqui apresentados.

Panorama Nacional

O setor têxtil nacional, segundo dados do IBGE (1998), representou cerca de 1% do valor agregado da economia nacional em 1997 (representava 2,6% em 1990) e gerou 1,5 milhão de empregos em 1999 (inclusive confecções), significando um declínio acumulado de 30% em relação a 1990. O número de empregos gerados na cadeia têxtil-confecção representou nesse ano 14,1% do total de empregos na indústria (IBGE/lemi).

A produção *têxtil* cresceu moderadamente entre 1990 e 1999: a produção de fios (em t) teve uma taxa acumulada de 10% nesse período (média de 1% ao ano), a de tecidos planos acumulou 3% e a de malhas 30% (média de 2,9% ao ano). Já a produção de *confeccionados*, incluindo vestuário, acessórios, linha lar e artigos técnicos, cresceu à taxa acumulada de 84% no mesmo período (média de 7% ao ano), alcançando, em 1999, 8,2 bilhões de peças, distribuídas, segundo o lemi, da seguinte forma: 4,2 bilhões de peças para vestuário, 0,8 bilhão para linha lar e 3,2 bilhões para outras confecções. O consumo, por outro lado, apresentou uma significativa expansão na década, passando de 8,27 kg/habitante para 9,50 kg/habitante (lemi).

Tabela 9

Dimensões do Setor Têxtil no Brasil – 1999

	FIAÇÃO	TECELAGEM	MALHARIA	CONFECÇÃO
Unidades Produtivas	389	439	2.863	17.378
Empregados	84.266	96.911	112.331	1.204.148
Produção (Mil t)	1.355	840	414	8,2 Bilhões de Peças
Valor da Produção (US\$ Bilhões)	4,1	6,9	3,1	22,7
Importações (US\$ Milhões)	361	162	45	189
Exportações (US\$ Milhões)	169	180	22	398
Saldo (US\$ Milhões)	-192	18	-23	209
Importações (Mil t)	144	32	12	26
Exportações (Mil t)	38	42	2	41
Saldo (Mil t)	-106	10	-10	15
Parcela das Exportações/Produção (t) ^a – %	2,8	5,0	0,5	0,01
Consumo Aparente (Mil t)	1.461	830	424	n.d.
Parcela das Importações/Consumo Aparente (t) – %	9,9	3,9	2,8	n.d.
Parcela das Exportações/Produção (US\$) – %	4,1	2,6	0,7	1,8
Consumo Aparente (US\$ Bilhões)	4,3	6,9	3,1	22,5
Parcela das Importações/Consumo Aparente (US\$) – %	8,4	2,4	1,4	0,8

Fonte: Iemi. Elaboração: BNDES.

Obs.: Fiação inclui fios, filamentos e linhas; consumo aparente = produção + importações – exportações.

^aA exportação de 41 mil t de confeccionados corresponde a cerca de 990 mil peças.

Paralelamente, a indústria têxtil, incluindo fiação, tecelagem, malharia e acabamento, encolheu em número de unidades industriais (declínio acumulado de 25% entre 1990 e 1999) e empregos (declínio acumulado de 67% no mesmo período). Em contraste, o número de confecções aumentou em 13% (taxa acumulada), passando a gerar menos empregos (declínio acumulado de 9% no período considerado). Esses números indicam, por um lado, a grande concentração produtiva da indústria têxtil, a qual ficou mais intensiva em capital, e, por outro, a maior pulverização das confecções, com aumento provável da informalidade.

Com relação ao consumo de fibras, o algodão permanece como o grande destaque, respondendo por 68% do consumo total. Nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e na Ásia essa relação é quase o inverso, com destaque para as fibras sintéticas.

O setor têxtil nacional foi muito afetado pela abertura da economia em 1990, a qual não estabeleceu de imediato mecanismos que pudessem proteger a indústria contra as importações subfaturadas e o *dumping* comercial. Some-se a isso o fato de que o setor

Tabela 10

Consumo de Fibras no Brasil – 1999

(Em Mil t)

FIBRAS NATURAIS	QUANTIDADE	FIBRAS QUÍMICAS	QUANTIDADE
Algodão	1.049	Poliéster	192
Lã	18	Polipropileno	92
Rami	18	Poliamida	64
Juta	14	Acrílico	40
Linho	5	Viscose	36
Seda	4	Acetato	4
Total	1.108	Total	428

Fonte: *Iemi*.

têxtil no Brasil historicamente desenvolveu-se através da internalização de todas as suas atividades produtivas (tendo como foco um mercado praticamente imune a produtos estrangeiros), com baixos índices de produtividade e baixos investimentos em tecnologia de ponta (também em função da grande instabilidade macroeconômica da década de 80).

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), apesar de todas as dificuldades, os investimentos em modernização foram elevados na década de 90, especialmente no período a partir do Plano Real, estimando-se que os investimentos totais na cadeia têxtil nacional alcançaram cerca de US\$ 6 bilhões (US\$ 4 bilhões somente em importações de equipamentos). Tais investimentos, não obstante, ficaram abaixo do que se investiu na Turquia no mesmo período: cerca de US\$ 10 bilhões somente em importações de equipamentos para a cadeia têxtil.

O BNDES financiou investimentos da ordem de US\$ 2 bilhões ao setor na década de 90. A avaliação do programa têxtil do BNDES – vigente entre maio de 1996 e junho de 1998 – constatou que os investimentos do setor geraram grande aumento de produ-

Tabela 11

Evolução dos Desembolsos do Sistema BNDES ao Setor Têxtil (Inclusive Confecção), segundo Região – 1990/2000

(Em US\$ Milhões)

REGIÃO	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000 ^a	Total
Norte	–	–	0,13	0,03	–	–	–	0,03	0,01	–	–	0,19
Nordeste	17,02	6,04	23,34	31,45	58,30	132,09	77,09	98,47	50,02	93,59	33,69	621,10
Sudeste	49,38	59,33	48,06	44,17	47,90	84,23	41,64	182,15	248,00	141,74	22,87	969,46
Sul	52,02	35,40	30,29	33,03	54,57	118,58	33,11	41,66	69,04	29,52	25,39	522,60
Centro-Oeste	1,74	2,68	2,52	0,33	0,72	4,80	0,15	0,62	0,70	–	0,36	14,60
Total	120,17	103,45	104,32	109,00	161,49	339,70	152,86	322,92	367,76	264,85	82,31	2.127,95

Fonte: *BNDES*.^aAté junho.

vidade e de capacidade de produção [ver Gorini e Martins (1998)]. De fato, segundo dados do IBGE, somente na indústria têxtil (excluindo confecção), o aumento da produtividade do trabalho entre 1990 e 1997 – estimada como a razão entre a variação do valor adicionado e a variação do pessoal ocupado – atingiu 50%. O estudo mencionado verificou ainda que a maior parte dos investimentos realizados foi destinada a equipamentos (cerca de 62% do total), tendo os equipamentos importados representado parcela de 36% do total. De fato, as importações de equipamentos têxteis (incluindo filatórios, teares, máquinas de costura, entre outros) tiveram grande crescimento na década, alcançando o pico de US\$ 740 milhões em 1995, contra US\$ 278 milhões em 1988, o maior valor alcançado na década anterior.

Os investimentos realizados colocaram o Brasil – em especial, as maiores empresas da cadeia do algodão – em patamar tecnológico similar ao do resto do mundo. Os investimentos em tecnologia de ponta foram destinados principalmente às áreas de fiação, tecelagem e tinturaria/estamparia das empresas. Os equipamentos mais modernos já respondem pela maior parcela da produção total, sendo que a idade média das máquinas declinou em todos os segmentos (Tabela 12).

Os impactos da abertura da economia brasileira e do aumento da concorrência externa a partir de 1990, bem como a estabilização da moeda, que ampliou o consumo da população de renda mais baixa desde 1994, levaram a transformações estruturais na cadeia têxtil nacional, cabendo destacar as seguintes:

- grande concentração da produção no segmento têxtil, de capital intensivo, o que não ocorreu na confecção, onde foi grande a pulverização da produção, conforme já mencionado;
- o elevado volume de investimentos levou ao aumento da relação capital/trabalho na indústria têxtil, o que não ocorreu com as confecções, segmento marcadamente de mão-de-obra intensiva;
- o processo de reestruturação implicou o declínio da produção em alguns segmentos, e um exemplo disso foi o declínio da produção de tecidos planos, ao qual se somaram dois efeitos: a) falência de muitas empresas, especialmente os produtores de tecidos artificiais e sintéticos, mais atingidos pelas importações da Ásia; e b) substituição da produção de planos pela de malhas de algodão, cujos investimentos são mais baixos e o produto em geral também é mais barato, estando mais acessível à nova parcela de consumidores que o Plano Real incorporou ao mercado;
- deslocamento regional para o Nordeste brasileiro e demais regiões de incentivo, com formação de cooperativas de trabalho e menores custos de mão-de-obra; e

- mudança do *mix* de produção das empresas: algumas reduziram o seu *mix* de produtos, aumentando as escalas de produção, investindo em equipamentos de última geração e em geral produzindo com custos baixos em regiões de incentivos da Sudene (entretanto, mesmo essas empresas produtoras de *commodities* têxteis têm estratégia centrada não apenas em custos baixos, mas incluem também estratégias de distribuição, marca e contínua melhoria da qualidade de seus produtos); outras empresas buscam intensificar a terceirização da sua produção, com maior diferenciação dos produtos, e têm-se voltado cada vez mais para a comercialização (gerenciamento da marca, logística, maior proximidade ao cliente final via franquias ou lojas próprias); e há ainda poucos exemplos de empresas atuando em redes ou prestando serviços de "pacote completo", conforme mencionado no item acima. Algumas empresas vêm ainda procurando atuar mais diretamente no mercado externo, via investimentos em marcas e canais de distribuição ou ainda via produção externa.

Tabela 12

Parque de Máquinas Têxteis no Brasil – 1990 e 1998/99

	MÁQUINAS INSTALADAS ^a			IDADE MÉDIA		
	1990	1998	1999	1990	1998	1999
Fiação						
Fusos	9.420.174	6.242.903	5.523.233	15,4	9,3	9,3
Rotores	171.945	254.374	292.284	5,7	3,1	3,1
Tecelagem						
Tear de Pinça	17.541	24.715	25.684	9,7	6,6	6,1
Tear a Jato de Ar	1.610	6.172	6.526	3,9	1,0	1,0
Tear a Jato de Água	53	218	254	1,0	0,9	1,0
Tear de Projétil	4.163	5.292	5.420	8,6	6,8	6,7
Tear de Lançadeira ^b	141.100	113.430	107.692	22,2	19,4	18,8
Malharia						
Circular ^c	5.750	6.350	6.449	9,8	7,5	7,3
Retilínea	36.613	36.159	36.175	10,3	4,4	4,4
Kettenstul	509	1.307	1.322	9,6	3,2	3,2
Raschel	8.097	8.001	7.993	8,4	3,5	3,5
Confecção^d						
Costura Reta	332.483	361.405	355.849	9,6	2,6	2,3
Overloque	243.737	286.193	286.912	8,3	2,8	2,5
Interloque	11.955	14.753	14.754	6,2	2,0	1,8
Corte	24.563	32.736	32.391	8,4	2,5	2,2

Fonte: Iemi – Estudos Setoriais Têxteis.

^aPrincipais máquinas.

^bResponde por apenas 12% da produção total do país, com uso específico e/ou ocasional e utilização média de apenas 20% de sua capacidade produtiva.

^cInclui todos os tipos de circulares, menos para a produção de meias.

^dO número total de máquinas instaladas nas confecções foi de 874.906 em 1999.

Com relação à distribuição regional da produção, apesar da grande concentração nas regiões Sul e Sudeste, houve um considerável aumento de participação do Nordeste na década de 90, especialmente na produção de fios e tecidos (Gráficos 1 a 4 e Tabela A.6 no Anexo), cabendo destacar os grandes investimentos na produção em altas escalas de *commodities* de algodão, em plantas com operação verticalizada desde a abertura do algodão, passando pela fiação até o acabamento, produzindo tecidos planos de algodão, como, por exemplo, sarjas, indigo, tecidos para lençóis e malhas para confecção de camisetas. Há ainda grandes empresas no Nordeste produzindo exclusivamente fios e linhas com predominância de algodão, cabendo destacar que a região, segundo o IEMI, já é a maior consumidora de algodão para a produção de fios, consumindo 432 mil t dessa fibra em 1999, contra 409 mil t da região Sudeste e 205 mil t da região Sul.

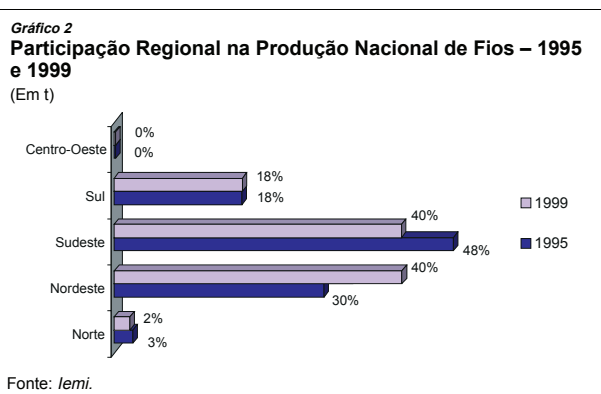
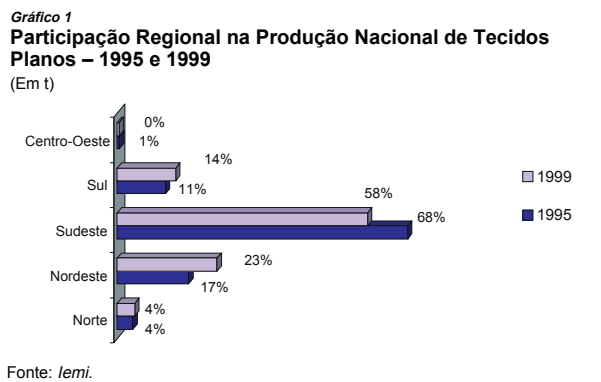
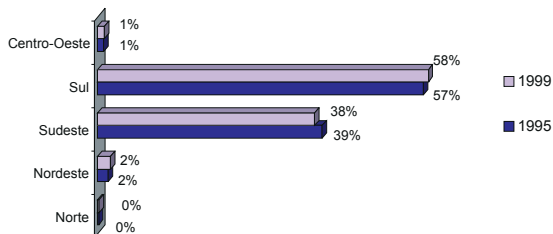
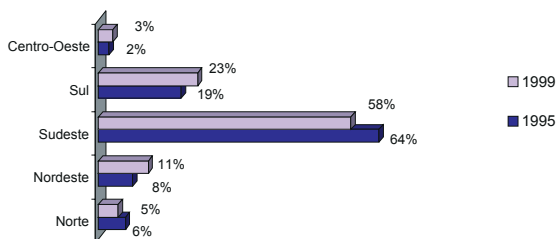


Gráfico 3
Participação Regional na Produção Nacional de Malhas – 1995 e 1999
 (Em t)



Fonte: *lemi*.

Gráfico 4
Participação Regional na Produção Nacional de Confeccões – 1995 e 1999
 (Em t)



Fonte: *lemi*.

Enquanto no Nordeste estão se concentrando os investimentos intensivos em escala, no Sul se reúnem os produtores de cama, mesa e banho e malhas, de médio e pequeno portes, e no Sudeste fica a produção de artificiais e sintéticos, desde os grandes produtores de matérias-primas (viscose, poliéster, náilon, elastano, entre outros) até pequenas e médias tecelagens, malharias e confeccões. Cabe destacar vários pólos importantes na região Sudeste, como os de Americana, Santa Bárbara, Nova Odessa e Sumaré (São Paulo) – formados em grande parte por pequenas e médias empresas responsáveis por 85% da produção nacional de tecidos artificiais e sintéticos – e Nova Friburgo (Rio de Janeiro) – dedicado à produção de *lingerie*, entre outros.

No que diz respeito à distribuição regional das confeccões, cerca de 58%, tanto das indústrias⁶ como da produção, concentra-

⁶Os dados do *lemi* somente consideram indústrias as unidades produtoras que atenderam, simultaneamente, às seguintes exigências: ter existência legal, como indústria; ter pelo menos um funcionário com registro em carteira; e manter pelo menos um produto em linha contínua de produção.

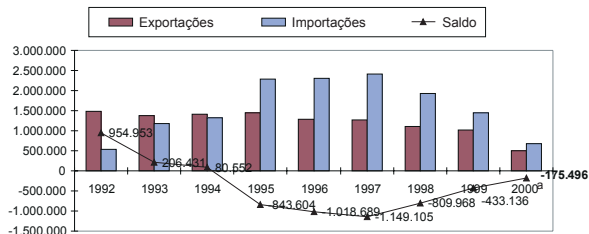
ram-se na região Sudeste em 1999 (Gráfico 4 e Tabela A.6, no Anexo). No mesmo ano, as regiões Sul e Nordeste, que vêm em seguida, responderam, respectivamente, por 23% e 11% das indústrias confeccionistas do país.

Em 2000 (até maio), a indústria nacional têxtil e de confecções vem mantendo a tendência de crescimento sustentado. Comparando o acumulado até maio de 2000 contra o mesmo período do ano anterior, tem-se que a produção física (em t) de fios e de tecidos cresceu 32% e a produção de confeccionados aumentou 16% [Lemi (2000)], o que pode ser associado ao aumento das exportações (que destacaremos no próximo item). As empresas estão trabalhando com índices elevados de ocupação da capacidade: da ordem de 80% nas fiações e 79% nas tecelagens, segundo o lemi. O índice médio de ocupação da capacidade instalada da indústria têxtil estimado pela FGV está na faixa de 87%. O faturamento acumulado até maio de 2000 (em reais) também aumentou nas fiações (aumento de 12% em relação ao acumulado até maio de 1999), nas tecelagens (aumento de 19%) e nas confecções (aumento de 14%), com projeções, segundo o lemi, bem otimistas para os próximos meses.

A cadeia têxtil nacional era superavitária até 1994, mas o brutal aumento das importações, a partir de 1993, e a estagnação das exportações levaram à completa reversão desse superávit: entre 1995 e 1997, o déficit comercial foi crescente, de US\$ 800 milhões em 1995 a US\$ 1,1 bilhão em 1997, diminuindo em 1999, quando a balança fechou em US\$ 400 milhões negati-

Comércio Exterior

Gráfico 5
Evolução da Balança Comercial Brasileira Têxtil – 1992/2000
(Em US\$ Mil)



Fonte: Secex.
^a Até maio.

vos, por conta da desvalorização cambial de janeiro de 1999 e da queda das importações.

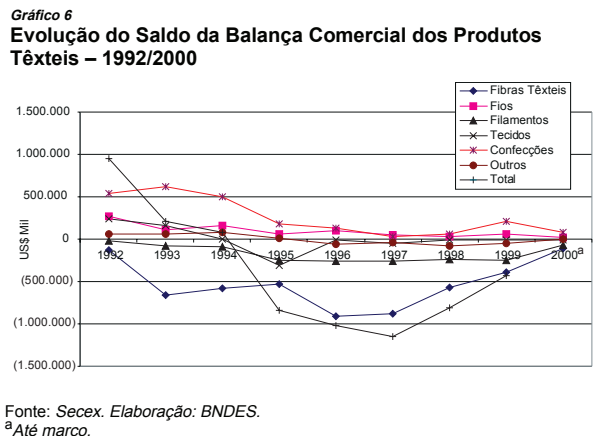
Vários fatores contribuíram para tamanha deterioração do saldo comercial têxtil. Em primeiro lugar, caberia enfatizar os crescentes déficits gerados pelo *algodão*, já a partir de 1992, quando o Brasil deixou de ser um grande produtor e, em poucos anos, passou a ser um dos maiores importadores mundiais, com importações que chegaram a atingir cerca de US\$ 800 milhões em 1996 (pico), US\$ 500 milhões em 1998 e US\$ 360 milhões em 1999. Os motivos determinantes já foram discutidos em trabalhos anteriores, cabendo destacar os financiamentos externos em condições muito favoráveis à compra do algodão importado, além do câmbio defasado a partir de meados da década.

A previsão para este ano é de que as importações de algodão continuem em queda, uma vez que a safra brasileira cresceu firmemente desde 1997, passando de 307 mil t para as 648 mil t previstas em 2000. Paralelamente, as importações caíram de 439 mil t para 250 mil t (queda prevista de 11% entre 1999 e 2000) no mesmo período. Com isso, o auto-abastecimento subiu de 38% para 73%.

Além do algodão, as importações de sintéticos, tanto tecidos planos como filamentos, também representaram grande parcela do déficit comercial têxtil. Somente tecidos, malhas e filamentos artificiais e sintéticos geraram déficits da ordem de US\$ 370 milhões tanto em 1998 como em 1999.

O acompanhamento dos primeiros cinco meses de 2000, em comparação com janeiro/maio de 1999 (Tabela A.5, no Anexo), mostra que as importações desses segmentos continuam crescentes, com incrementos da ordem de 100%. As importações de filamentos artificiais e sintéticos alcançaram US\$ 144 milhões no período janeiro/maio de 2000, representando incremento de 60% em relação ao mesmo período do ano anterior, cabendo destacar que somente as importações do filamento de poliéster cresceram 152% no período, alcançando US\$ 71 milhões. As importações de tecidos planos e malhas (artificiais e sintéticos) também apresentaram incrementos expressivos de, respectivamente, 69% (alcançando US\$ 67 milhões) e 163% (US\$ 27 milhões). Cabe destacar, em ambos os segmentos, a significativa queda dos preços médios de importação (US\$/kg), com declínio médio da ordem de 50% no período considerado. As importações totais, incluindo têxteis e confeccionados, cresceram 18% entre janeiro/maio de 1999 e janeiro e maio de 2000, gerando um déficit comercial de US\$ 175 milhões no período (Tabela A.5, no Anexo).

A contínua queda das exportações durante toda a década, totalizando US\$ 1 bilhão em 1999, pode ser atribuída aos seguintes

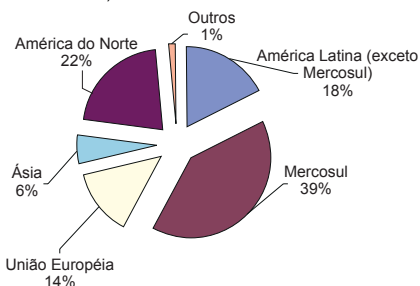


aspectos principais: o câmbio defasado levou à perda de competitividade em mercados de *commodities* têxteis, que compõem grande parcela das exportações têxteis nacionais, destacadamente tecidos planos de algodão (sarjas e índigos) e confeccionados de cama, mesa e banho; paralelamente, o crescimento do comércio intrabloco, em especial a partir da criação do Nafta em 1994, deslocou as exportações brasileiras daquele mercado, e hoje a maior parcela (cerca de 40%) é direcionada para o Mercosul (Gráfico 3); as exportações nacionais para os Estados Unidos – maior mercado importador mundial, com importações têxteis anuais (inclusive confeccionados) da ordem de US\$ 80 bilhões – vêm declinando ano após ano: foram de US\$ 356 milhões em 1993 (representando 22% das exportações têxteis nacionais naquele ano) e passaram para US\$ 184 milhões em 1999 (18% das exportações totais), enquanto as exportações mexicanas para os Estados Unidos alcançaram valor superior a US\$ 5 bilhões em 1998, entre tecidos planos e confeccionados.

Paralelamente, na União Européia a Turquia vem aumentando suas exportações, afetando nossos tradicionais mercados de cama, mesa e banho. Desse modo, durante a década de 90 observou-se a perda de importantes mercados internacionais e a crescente concentração das exportações têxteis brasileiras na América Latina, em especial o Mercosul.

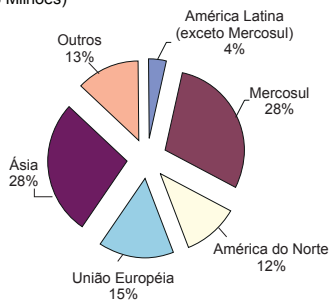
Já a composição da pauta de exportações praticamente não se alterou durante a década: constituíram-se principalmente de tecidos e confeccionados de algodão (parcela de 58% do total das exportações). Os principais produtos exportados são o *denim* para a confecção do *jeans* e os artigos de cama, mesa e banho, em especial

Gráfico 7
Destino das Exportações Têxteis por Bloco Econômico – 1999
 (Total: US\$ 1.010 Milhões)



Fontes: Secex e Abit.

Gráfico 8
Origem das Importações Têxteis Brasileiras – 1999
 (Total: US\$ 1.443 Milhões)



Fontes: Secex e Abit.

os felpudos. Cabe observar, entretanto, que o segmento que mais cresce no comércio mundial de têxteis são os confeccionados produzidos com fibras químicas, ou mistos.

O impacto da desvalorização de janeiro de 1999 foi principalmente sentido nas importações, que sofreram uma queda de 25% entre 1998 e 1999, alcançando US\$ 1.443 milhões em 1999. Já os efeitos sobre as exportações apareceram com grande defasagem: primeiramente, elas declinaram 9% no mesmo período, caindo para US\$ 1 bilhão em 1999; em 2000, no entanto, já tiveram um aumento de 29% entre janeiro e maio de 1999 e janeiro e maio de 2000, alcançando US\$ 505 milhões, mas sobre um patamar muito baixo: o crescimento foi de apenas 6% quando comparado com janeiro/maio de 1998 (Tabela A.5, no Anexo).

Gráfico 9

Exportações Brasileiras de Produtos Têxteis – 1999

(Total: US\$ 1.009.832.000)

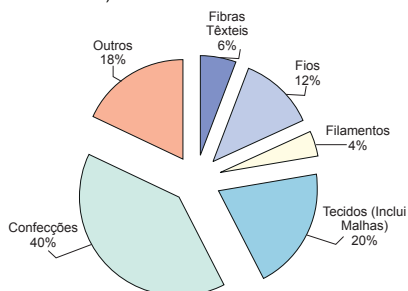
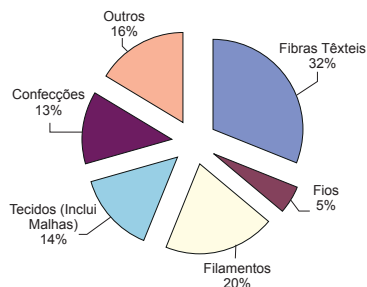


Gráfico 10

Distribuição das Importações Têxteis (Segmentos) – 1999

(Total: US\$ 1.442 Milhões)



Cabe destacar a excelente *performance* das exportações de confeções, que tiveram crescimento de 46% nos cinco primeiros meses de 2000, alcançando US\$ 220 milhões. Dentre os produtos mais exportados, destacam-se os confeccionados para o lar (cama, mesa e banho), cujas exportações alcançaram US\$ 105 milhões entre janeiro e maio de 2000 (crescimento de 22% em relação ao mesmo período de 1999), e as roupas de malha, que alcançaram US\$ 73 milhões (crescimento de 108% no período considerado), com destaque para camisas, blusas e *T-shirts* de malha. Já os tecidos planos de algodão cresceram apenas 14%, alcançando US\$ 65 milhões, permanecendo abaixo do patamar de janeiro/maio de 1998, quando suas exportações alcançaram US\$ 83 milhões (Tabela A.5, no Anexo).

Avanços e Gargalos

O complexo têxtil brasileiro aumentou sua produtividade em função do grande esforço de investimento. A qualidade do produto, associada a melhores serviços e adequação ambiental, também vem avançando. Ademais, o Brasil tem custos competitivos em relação aos concorrentes internacionais, principalmente nos itens energia e mão-de-obra.

A produção de algodão no Brasil – elemento estratégico, importante componente do custo industrial – também vem se recuperando, devendo atingir cerca de 648 mil t/ano na safra 1999/2000, contra uma demanda doméstica da ordem de 900 mil t/ano. A organização da produção no cerrado (o Mato Grosso já é o maior estado produtor) e os ganhos de produtividade foram importantes avanços obtidos, tendo sido fundamental a atuação do governo (PEP, contratos de opção).

Entretanto, alguns gargalos ainda prejudicam sobremaneira nossas exportações – além da crescente importância dos blocos regionais de comércio, como já enfatizado –, cabendo destacar os seguintes:

- Com relação a grande parcela das empresas:
 - ausência de parcerias/alianças estratégicas ou, num conceito mais abrangente, ausência de redes integradas de empresas, tanto no varejo, com investimentos no ponto de venda para melhor expor o produto, como nas parcerias com fornecedores para o desenvolvimento conjunto de novos produtos, aquisição conjunta de matérias-primas, etapas conjuntas de produção, como, por exemplo, acabamento, entre outros;
 - baixa informatização, ausência de sistemas de *quick response*, como EDI e ECR;⁷
 - dificuldades para produzir em lotes menores e baixa agilidade;
 - comercialização ineficiente, pequena equipe de vendas e grande inexperiência no mercado internacional (poucas empresas são responsáveis pela maior parcela das exportações têxteis nacionais); e
 - baixos investimentos para o desenvolvimento de produto e *design*.
- Com relação a segmentos específicos:
 - **Segmento de confecção:** Baixos investimentos em modernização tecnológica. A grande informalidade prejudica sua eficiência produtiva, reduzindo o tamanho das empresas e a capacidade de investimento.

⁷A progressiva migração desses sistemas proprietários para aqueles com base na arquitetura aberta da internet deverá reduzir os investimentos necessários e facilitar o acesso de pequenos e médios fornecedores a cadeias globais de fornecimento. O caso da Nordstrom – cadeia de lojas norte-americana de vestuário e calçados – é ilustrativo: hoje ela já demanda, via internet, cerca de 20 mil dos 200 mil itens comercializados em suas 100 lojas, todas nos Estados Unidos.

- **Segmento de fibras/filamentos químicos:** No mundo inteiro esse segmento opera com elevadas escalas e fluxo contínuo de produção. Em contraste, no Brasil as escalas são consideravelmente mais baixas e o fluxo de produção é descontínuo em grande parte das plantas industriais instaladas, o que certamente afeta negativamente seus custos. Ademais, identificam-se problemas de abastecimento das principais matérias-primas DMT/PTA (no caso do poliéster) e da caprolactama (no caso do náilon 6) e elevados custos no transporte. O segmento vem ainda passando por profundas transformações, em escala mundial, em que muitas empresas estão abandonando os investimentos na área têxtil, em função da sua baixa rentabilidade, e se concentrando no segmento de *life sciences*, como, por exemplo, a Rhone Poulenc e a Hoechst. O “desinvestimento” também vem atingindo as filiais brasileiras, sendo que a cisão e a venda da Fairway foram os primeiros grandes movimentos nessa direção, embora alguns outros ainda estejam previstos. Foram identificados alguns gargalos da produção nacional, especialmente no segmento de poliéster, em que os investimentos efetuados na década concentraram-se especialmente em etapas finais da produção, como estiramento e texturização do fio, e não no aumento da capacidade produtiva do filamento.

O consumo mundial de têxteis vem apresentando um crescimento declinante: as taxas médias anuais de aumento do consumo *per capita* foram estimadas em recente estudo da Werner International em torno de 0,8% na década de 90 e 0,7% e 0,6% nas próximas duas décadas. O consumo deverá crescer mais rápido em países em desenvolvimento, mas, em média, a taxa será inferior à dos últimos 20 anos.

Perspectivas e Metas

O crescimento é vegetativo em mercados já maduros (com exceção dos Estados Unidos, que ainda apresentam taxas elevadas), relacionando-se mais à moda e à crescente preferência pelo conforto. Alguns novos mercados tenderão a apresentar maior dinamismo, cabendo destacar países na Ásia, na América do Sul e na Europa Oriental.

As mudanças na comercialização também impactarão decisivamente a indústria, cabendo enfatizar a crescente concentração do varejo e o consecutivo aumento do seu poder de barganha em relação aos pequenos e médios produtores. Tanto na Europa como nos Estados Unidos é crescente a participação das *chain stores* e dos hipermercados, enquanto se presencia a estagnação das butikues (pequenas lojas multimarcas) e das lojas de departamento. A consolidação na ponta varejista da cadeia proporcionou a

algumas grandes lojas norte-americanas, por exemplo, um controle eficiente sobre como e onde suas fontes de produção de vestuário operam.

Algumas grandes cadeias internacionais de lojas estão se instalando no Brasil, como, recentemente, a J. C. Penney, dos Estados Unidos, e a Zara, da Espanha (a Benneton já é mais antiga). Tais cadeias, em geral, tratam exclusivamente do gerenciamento de suas marcas próprias, buscando, via *outsourcing* mundial, abastecer suas redes com produtos faccionados. Nesses moldes, Hong Kong transformou-se num grande centro mundial do vestuário, e sua indústria, além de fornecer o produto *per se* (em geral faccionado na China continental), também presta serviços como desenvolvimento de produto, *sourcing* de matérias-primas, controle de qualidade, *merchandising*, *trade financing* e toda a logística associada.

A mencionada infra-estrutura que busca congrega manufatura e serviços ainda se encontra ausente do mercado nacional. Alguns grandes produtores de jeans vêm buscando atuar mais em parceria com o varejo, procurando fornecer, via *outsourcing*, o seu produto já confeccionado – pacote completo (*full package*) –, como muitos fabricantes internacionais já o fazem.

Se os produtores têxteis e confeccionistas nacionais efetivamente desejam aumentar sua participação no mercado mundial, faz-se necessário aprimorar junto a essas grandes cadeias de lojas, inclusive hipermercados, as mencionadas competências. Tais parcerias poderiam facilitar inclusive a obtenção de financiamentos para desenvolvimento de redes integradas de fornecedores locais, principalmente quando se sabe que tanto a Benneton como a Zara apresentam grande parcela de importações em seu *mix* de produtos no Brasil.

Nesse sentido, alianças estratégicas e arranjos produtivos/comerciais (por exemplo, beneficiamento/acabamento conjunto, CAD/CAM conjunto, entrepostos comuns no exterior, entre outros) são fundamentais, assim como a atração de investimentos externos (grandes cadeias como a J. C. Penney, caso efetivamente planejem se expandir no país, tenderão a trazer alguns fornecedores externos e a desenvolver fornecedores internos).

A inserção no mercado externo deverá apoiar-se em produtos de algodão nos quais já temos competitividade – cama, mesa e banho, *denim* e produtos confeccionados de maior valor agregado –, calças *jeans*, assim como em novos mercados e produtos – malhas de algodão e moda praia, por exemplo, em que os investimentos em *design* e desenvolvimento de produtos são de extrema importância.

O setor têxtil nacional deverá efetivamente preparar-se (e preocupar-se) para a incorporação ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), prevista para 2005, o que pode gerar invasão nos nossos atuais mercados externos, hoje garantidos por cotas, pequenas, mas que nem mesmo estão sendo totalmente preenchidas pelas exportações nacionais.

Mais ainda, a perspectiva da Alca coloca o setor em posição fragilizada diante do Nafta, cabendo destacar o caso do México, onde hoje já é forte a presença de redes internacionais de empresas, é cada vez menor o papel do Estado e as empresas transnacionais norte-americanas de têxteis e de fibras estão agindo para controlar os centros estratégicos da cadeia mexicana do vestuário [ver Gereffi (1998)].

Hoje se fala em alcançar exportações têxteis (inclusive confecções) da ordem de US\$ 5 bilhões/ano em 2002 (meta estabelecida pelo setor têxtil nacional no Fórum de Competitividade do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior). Para que tal meta seja factível, dado o cenário mundial acima descrito, devem ser priorizados os seguintes aspectos:

- **Investimentos** previstos pela indústria nos próximos cinco anos: entre US\$ 6 bilhões e US\$ 10 bilhões, para aumento de capacidade/modernização e geração de excedente para exportações (que hoje é restrito). Tais investimentos também deverão incluir P&D e aqueles relacionados à logística e à formação de redes integradas indústria-varejo, inclusive fora do Brasil.
- **Reestruturação:** O setor de fibras/filamentos químicos não pode prescindir de uma reestruturação que signifique aumento das escalas produtivas das atuais plantas, com novos investimentos em modernização tecnológica, assim como a atração de parceiros estratégicos, se quisermos representar importante pólo de produção/exportação na América Latina.
- **Aumento da qualidade:** O Inmetro detectou que, de 5.586 certificados ISO 9000 emitidos no Brasil, apenas 72 foram para o setor têxtil, de um universo de cerca de 20 mil empresas. Quanto à certificação ambiental, de acordo com a norma ISO 14000, apenas duas empresas do setor têxtil foram certificadas.
- **Acordos comerciais e desenvolvimento de novos mercados:** Negociar possíveis reduções nas alíquotas que sobretaxam as exportações de produtos nos quais temos maior competitividade,⁸ e avançar nos acordos comerciais, fortalecendo a posição brasileira na América Latina.
- **Formação de consórcios/parcerias voltadas às exportações:** Priorizar segmentos/produtos em que já temos competitividade e aqueles com forte potencial de incremento das exportações, como malhas de algodão, moda praia/lingerie.

⁸*Em recente estudo da Funcex (1999), constatou-se que as tarifas ad valorem mais elevadas nos Estados Unidos se concentram em: a) animais vivos e produtos do reino animal; b) produtos do reino vegetal; c) produtos das indústrias alimentícias, bebidas e fumo; d) matérias têxteis e suas obras; e e) calçados. Especificamente, os produtos têxteis são sujeitos a uma tarifa média de 10,2% (desvio-padrão de 6,7%), com tarifa máxima podendo alcançar 33,6%. Em contraste, as exportações de confeccionados do México para os Estados Unidos, provenientes de tecidos fabricados/pré-cortados nos Estados Unidos, México e/ou Canadá – Nafta originating goods –, são completamente livres de tarifas ou cotas.*

Anexo

Tabela A.1

Principais Países Fornecedores do Setor Têxtil para a União Europeia, Ordenados pela Média do Período 1995/97 – 1990/97 (Em US\$ Milhões)

FORNECEDORES	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Turquia	2.275	2.601	3.025	2.690	2.988	3.835	4.056	4.573
China	1.905	2.264	2.514	2.485	2.760	2.872	3.095	3.420
Índia	1.255	1.353	1.552	1.648	1.896	2.322	2.437	2.666
Estados Unidos	1.967	2.053	1.918	1.458	1.654	1.851	1.773	2.283
Suíça	2.108	1.959	2.004	1.601	1.735	2.028	1.703	1.575
Hong Kong	1.193	1.384	1.431	1.243	1.145	1.200	1.156	1.795
Paquistão	916	945	982	972	1.101	1.237	1.335	1.353
Indonésia	635	851	1.080	980	1.081	1.101	1.137	1.461
Austrália	1.216	1.058	1.247	701	948	992	843	1.220
Coréia do Sul	826	952	884	675	680	732	758	1.236
Demais Países	13.401	14.212	14.847	13.185	14.455	13.757	13.272	17.081
Total	27.696	29.631	31.485	27.639	30.443	31.926	31.564	38.663

Fonte: *Trains/Unctad*. Elaboração: *Funcex*.

Obs.: O total anual tende a ser subestimado devido aos valores não-disponíveis.

Tabela A.2

Principais Países Fornecedores do Setor Têxtil para os Estados Unidos, Ordenados pela Média do Período 1995/97 – 1990/97 (Em US\$ Milhões)

FORNECEDORES	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
China	1.854	1.850	2.426	2.605	2.641	2.540	2.568	3.199
México	410	466	563	762	1.072	1.825	2.458	3.379
Hong Kong	1.965	2.001	2.203	1.991	2.299	2.283	2.063	2.279
Taiwan	n.d.	1.665	1.722	n.d.	1.736	1.779	1.803	1.974
Canadá	670	770	970	976	1.205	1.425	1.740	2.048
Coréia do Sul	1.399	1.209	1.238	1.215	1.293	1.236	1.354	1.595
Índia	373	403	564	655	746	937	1.019	1.248
Itália	743	709	729	727	879	922	1.023	1.086
Paquistão	353	375	511	522	640	850	895	1.016
Honduras	43	70	164	206	288	462	750	1.074
Demais Países	8.402	6.736	8.261	10.405	9.667	10.678	11.100	12.991
Total	16.212	16.255	19.351	20.064	22.465	24.936	26.773	31.889

Fonte: *Trains/Unctad*. Elaboração: *Funcex*.

Obs.: n.d. = valor não-disponível. O total anual tende a ser subestimado devido aos valores não-disponíveis.

Tabela A.3

Estados Unidos: Exportações, Importações e Saldo de Confeccionados por Países e Grupo de Países – 1993/97

(Em US\$ Milhões)

PAÍS	1993	1994	1995	1996	1997
Exportações					
China	7	8	9	9	8
Hong Kong	41	41	49	49	54
Coréia	10	16	35	48	43
Taiwan	9	15	18	17	20
México	849	1.159	1.370	1.699	2.205
República Dominicana	657	744	798	865	1.078
Honduras	219	293	402	622	799
Filipinas	22	22	12	13	10
Indonésia	4	4	5	2	3
Índia	1	— ^a	1	1	1
Outros	2.998	3.166	3.789	3.970	4.173
Total	4.817	5.468	6.488	7.295	8.394
Asean	51	63	56	65	58
CBERA	1.822	2.068	2.520	2.927	3.576
Importações					
China	6.187	6.338	5.895	6.340	7.450
Hong Kong	4.019	4.393	4.342	3.998	4.028
Coréia	2.538	2.245	1.842	1.533	1.665
Taiwan	2.332	2.269	2.157	2.066	2.166
México	1.415	1.889	2.876	3.850	5.350
República Dominicana	1.443	1.600	1.753	1.773	2.234
Honduras	510	650	934	1.241	1.688
Filipinas	1.361	1.457	1.633	1.569	1.650
Indonésia	1.113	1.182	1.359	1.505	1.789
Índia	1.079	1.309	1.263	1.350	1.508
Outros	11.907	13.546	15.611	16.459	18.964
Total	33.904	36.878	39.665	41.684	48.492
Asean	4.930	5.196	5.837	5.856	6.518
CBERA	4.015	4.538	5.487	6.077	7.664
Saldo					
China	(6.180)	(6.330)	(5.886)	(6.331)	(7.442)
Hong Kong	(3.978)	(4.352)	(4.293)	(3.949)	(3.974)
Coréia	(2.528)	(2.229)	(1.807)	(1.485)	(1.622)
Taiwan	(2.323)	(2.254)	(2.139)	(2.049)	(2.146)
México	(566)	(730)	(1.506)	(2.151)	(3.145)
República Dominicana	(786)	(856)	(955)	(908)	(1.156)
Honduras	(291)	(357)	(532)	(619)	(889)
Filipinas	(1.339)	(1.435)	(1.621)	(1.556)	(1.640)
Indonésia	(1.109)	(1.178)	(1.354)	(1.503)	(1.786)
Índia	(1.078)	(1.309)	(1.262)	(1.349)	(1.507)
Outros	(8.909)	(10.380)	(11.822)	(12.489)	(14.791)
Total	(29.087)	(31.410)	(33.177)	(34.389)	(40.098)
Asean	(4.879)	(5.133)	(5.781)	(5.891)	(6.460)
CBERA	(2.193)	(2.470)	(2.967)	(3.150)	(4.088)

Fonte: US International Trade Commission (1999).

^aMenos de US\$ 500 mil.

Tabela A.4

Produção e Consumo de Algodão por Principais Países – 1999/2000

(Em Mil t)

PAÍS	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
China	3.796	4.137	33	4.463	261	3.242
Índia	1.018	2.830	76	2.830	65	1.029
Estados Unidos	858	3.674	16	2.221	1.350	977
Paquistão	345	1.698	131	1.589	120	465
Turquia	108	849	239	1.045	33	118
Brasil	334	520	457	827	–	484
México	97	131	457	533	44	108
Indonésia	41	4	544	523	–	66
Coréia do Sul	86	–	348	337	8	89
Taiwan	49	–	316	310	1	54
Itália	25	–	294	283	2	34
Tailândia	79	7	283	283	–	86
Japão	71	–	272	272	–	71
Rússia	31	–	218	218	–	31
Egito	113	234	22	196	82	91
Uzbequistão	134	1.154	1	185	893	211
Bangladesh	9	15	152	163	–	13
Portugal	59	–	160	163	–	56
Grécia	98	381	4	131	239	113
Irã	39	131	–	131	4	35
Alemanha	16	–	135	122	13	16
Hong Kong	26	–	131	120	11	26
Espanha	42	120	54	118	50	48
França	39	–	109	105	–	43
Síria	147	305	–	90	218	144
Argentina	174	120	8	87	109	106
Colômbia	20	35	42	74	2	21
Nigéria	32	54	15	46	25	30
Austrália	263	675	–	44	610	284
Turcomenistão	143	261	–	33	185	186
Tajiquistão	16	98	–	20	81	13
Sudão	12	82	–	13	59	22
Paraguai	12	71	–	9	60	14
Burkina	25	131	–	5	120	31
Mali	62	207	–	3	201	65
Benin	36	136	–	2	131	39
Outros	616	965	1.226	1.542	714	551
Total	9.071	19.025	5.743	19.136	5.691	9.012

Fonte: *Abit*.

Tabela A.5

Evolução do Comércio Exterior do Setor Têxtil Nacional – Janeiro/Maio 1998/2000

	JANEIRO/MAIO 1998		JANEIRO/MAIO 1999		JANEIRO/MAIO 2000	
	Toneladas	US\$ Mil	Toneladas	US\$ Mil	Toneladas	US\$ Mil
Importações						
Fibras	170.776	289.870	152.393	203.314	194.141	219.035
Algodão	146.440	242.926	121.624	165.502	161.183	173.187
Outros	24.336	46.944	30.770	37.812	32.958	45.848
Fios Fiados	9.493	33.285	9.332	26.117	15.512	34.440
Algodão	3.893	14.438	3.035	10.977	3.051	9.615
Artificiais/Sintéticos	4.440	16.915	5.258	12.595	10.992	21.640
Outros	1.160	1.933	1.038	2.546	1.470	3.186
Filamentos	26.140	98.289	31.713	90.315	63.659	143.983
Poliamida	8.857	39.963	8.618	31.950	10.342	39.571
Poliéster	13.804	30.386	16.288	28.118	47.209	70.901
Outros	3.479	27.940	6.807	30.248	6.108	33.511
Linhas para Costura	938	3.410	323	1.328	469	1.335
Algodão	5	54	50	446	57	371
Artificiais/Sintéticos	177	627	267	811	406	877
Outros	756	2.729	6	71	7	87
Tecidos Planos	11.165	80.362	7.090	52.797	20.937	79.385
Algodão	2.208	14.503	959	6.112	1.044	5.200
Artificiais/Sintéticos	8.439	56.135	5.668	39.733	19.533	67.234
Outros	519	9.725	464	6.952	360	6.952
Tecidos de Malha	4.586	19.719	2.033	11.293	10.960	27.251
Algodão	135	752	39	282	14	156
Artificiais/Sintéticos	3.869	16.793	1.904	10.180	10.829	26.745
Outros	582	2.174	90	831	116	349
Confecções	16.171	175.525	10.276	98.015	12.809	80.866
Especialidades	25.460	125.245	21.506	92.701	20.177	93.958
Total	264.729	825.707	234.666	575.880	338.664	680.254
Exportações						
Fibras	24.410	33.407	22.039	24.649	28.170	25.853
Algodão	361	322	1.600	2.061	1.329	1.133
Outros	24.048	33.086	20.440	22.588	26.841	24.719
Fios Fiados	8.718	53.266	8.918	48.180	17.180	64.960
Algodão	4.891	17.248	4.211	12.461	9.114	25.187
Artificiais/Sintéticos	2.296	8.971	2.660	9.596	3.439	11.904
Outros	1.531	27.047	2.048	26.123	4.627	27.869
Filamentos	5.818	26.360	3154,7	14.349	5.853	21.248
Poliamida	3.186	12.061	1.724	5.291	3.331	10.332
Poliéster	1.240	4.323	311	1.187	1.347	3.253
Outros	1.392	9.977	1.119	7.870	1.175	7.663

(continua)

	JANEIRO/MAIO 1998		JANEIRO/MAIO 1999		JANEIRO/MAIO 2000	
	Toneladas	US\$ Mil	Toneladas	US\$ Mil	Toneladas	US\$ Mil
Linhas para Costura	233	2.667	165	1.824	260	2.689
Algodão	48	666	46	569	66	829
Artificiais/Sintéticos	62	516	33	253	45	381
Outros	124	1.485	85	1.002	149	1.480
Tecidos Planos	19.913	96.416	15.338	66.919	19.403	79.222
Algodão	18.220	83.137	14.112	57.168	17.281	65.281
Artificiais/Sintéticos	1.392	7.558	1.080	5.649	1.772	7.884
Outros	300	5.722	146	4.102	351	6.057
Tecidos de Malha	731	9.029	713	7.234	1.227	11.531
Algodão	238	2.703	229	1.931	350	2.631
Artificiais/Sintéticos	479	6.073	473	5.184	872	8.858
Outros	493	6.325	484	5.303	877	8.900
Confecções	14.651	162.266	15.284	151.046	24.870	220.391
Especialidades	45.036	94.306	41.014	78.137	47.258	78.834
Total	119.509	477.718	106.626	392.337	144.222	504.727
Saldo						
Fibras	(146.366)	(256.463)	(130.354)	(178.665)	(165.971)	(193.183)
Algodão	(146.078)	(242.604)	(120.024)	(163.442)	(159.855)	(172.053)
Outros	(288)	(13.859)	(10.330)	(15.224)	(6.117)	(21.129)
Fios Fiados	(775)	19.981	(414)	22.062	1.669	30.520
Algodão	997	2.810	1.175	1.484	6.063	15.573
Artificiais/Sintéticos	(2.144)	(7.943)	(2.598)	(2.999)	(7.552)	(9.736)
Outros	371	25.115	1.009	23.577	3.158	24.683
Filamentos	(20.322)	(71.929)	(28.558)	(75.966)	(57.807)	(122.735)
Poliamida	(5.671)	(27.902)	(6.894)	(26.658)	(7.011)	(29.238)
Poliéster	(12.564)	(26.064)	(15.977)	(26.930)	(45.862)	(67.648)
Outros	(2.087)	(17.964)	(5.687)	(22.378)	(4.933)	(25.849)
Linhas para Costura	(705)	(744)	(158)	496	(209)	1.354
Algodão	43	612	(4)	123	9	458
Artificiais/Sintéticos	(115)	(111)	(233)	(558)	(361)	(496)
Outros	(633)	(1.245)	79	931	142	1.393
Tecidos Planos	8.748	16.054	8.247	14.123	(1.534)	(164)
Algodão	16.013	68.634	13.153	51.056	16.237	60.081
Artificiais/Sintéticos	(7.047)	(48.577)	(4.588)	(34.083)	(17.761)	(59.350)
Outros	(218)	(4.003)	(319)	(2.850)	(9)	(895)
Tecidos de Malha	(3.855)	(10.691)	(1.320)	(4.059)	(9.732)	(15.720)
Algodão	103	1.952	190	1.649	336	2.475
Artificiais/Sintéticos	(103)	3.899	384	4.353	756	8.509
Outros	(3.376)	(10.468)	(1.420)	(4.877)	(9.952)	(17.845)
Confecções	(1.520)	(13.259)	5.008	53.030	12.061	139.525
Especialidades	19.576	(30.939)	19.508	(14.564)	27.081	(15.124)
Total	(145.221)	(347.989)	(128.040)	(183.543)	(194.442)	(175.527)

Fontes: Iemi/Secex.

Tabela A.6

Produção Física Nacional, segundo Região – 1995/99

	1995		1996		1997		1998		1999	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Tecelagem (t)										
Norte	32.626	4	32.855	4	18.556	2	20.689	3	34.900	4
Nordeste	147.200	17	149.463	17	166.409	21	172.810	21	195.377	23
Sudeste	598.634	68	579.940	67	487.705	62	512.650	62	490.766	58
Sul	99.943	11	100.287	12	111.291	14	111.256	14	114.489	14
Centro-Oeste	4.749	1	4.770	1	4.483	1	4.823	1	3.995	0
Total	883.152	100	867.315	100	788.444	100	822.228	100	839.527	100
Malharia (t)										
Norte	798	0	871	0	810	0	901	0	1.017	0
Nordeste	6.532	2	6.259	2	6.751	2	8.299	2	9.358	2
Sudeste	138.528	39	146.088	41	137.530	40	146.101	38	157.865	38
Sul	201.118	57	195.726	56	198.136	57	223.466	58	240.890	58
Centro-Oeste	3.784	1	3.481	1	3.473	1	4.328	1	4.848	1
Total	350.760	100	352.425	100	346.700	100	383.095	100	413.978	100
Fiação (t)										
Norte	32.325	3	35.617	3	37.146	3	45.413	4	30.580	2
Nordeste	358.720	30	352.680	30	365.759	32	440.188	35	484.164	36
Sudeste	580.235	48	574.021	48	520.408	46	524.149	42	582.996	43
Sul	218.786	18	215.862	18	199.829	18	221.617	18	254.620	19
Centro-Oeste	2.037	0	2.015	0	1.928	0	2.058	0	2.352	0
Não-Identificado ^a	18.267	2	14.960	1	14.163	1	12.212	1	573	0
Total	1.210.370	100	1.195.155	100	1.139.233	100	1.245.637	100	1.355.285	100
Confecções (Mil Peças)										
Norte	409.489	6	401.544	6	409.841	6	395.186	5	370.066	5
Nordeste	520.004	8	540.168	8	627.435	9	793.625	11	935.229	11
Sudeste	4.268.000	64	4.135.158	63	4.315.802	62	4.220.842	58	4.751.528	58
Sul	1.261.880	19	1.284.424	20	1.378.604	20	1.658.323	23	1.867.360	23
Centro-Oeste	163.534	2	162.725	2	179.441	3	240.932	3	270.341	3
Total	6.622.907	100	6.524.019	100	6.911.123	100	7.308.908	100	8.194.524	100

Fonte: Iem, Anuário Estatístico 1995-1999.

^aProdução regional não informada, dados compilados na matriz da empresa.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, André. *Políticas públicas, estratégias empresariais e dilemas sindicais no setor têxtil*. 1988.
- FUNCEX. *Barreiras externas às exportações brasileiras*. 1999.
- GEREFFI, Gary. Competitividade e redes na cadeia produtiva do vestuário na América do Norte. *Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*, ano 4, n. 6, p. 101-127, 1998.
- GORINI, Ana Paula Fontenelle, MARTINS, Renato Francisco. Novas tecnologias e organização do trabalho no setor têxtil: uma avaliação do programa de financiamento do BNDES. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 235-264, dez. 1998.
- IBGE. *Contas Nacionais*. Rio de Janeiro, 1998.
- IEMI. *Panorama conjuntural*. Maio 2000.
- US INTERNATIONAL TRADE COMMISSION. *Industry and trade summary*. Washington, DC, Mar. 1999.
- VERRET, Raoul. *The textile industry at the turn of the century: a global vision*. Werner International, 1998.